

JESUS

e a grande revelação

© 2021 – José Ribamar Fonseca

JESUS

e a grande revelação

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13485-150 — Limeira — SP
Fone: (19) 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação —, sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Mariléa de Castro
Capa: Banco de imagens
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: *sbutterstock.com*

ISBN 978-65-5727-092-9
1ª Edição – 2021

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Fonseca, José Ribamar
Jesus e a grande revelação / José Ribamar Fonseca
– Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2021.
216 p.

ISBN 978-65-5727-092-9

1. Jesus Cristo 2. Cristologia 3. Evangelho I. Título

21-1171

CDD – 232

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo

Ribamar Fonseca

JESUS

e a grande revelação

1ª edição – 2021



Sumário

Introdução	7
O missionário	18
A concepção.....	19
O nascimento.....	27
A infância.....	33
O batismo.....	37
Os apóstolos.....	43
As instruções	47
As pregações	54
Os irmãos	60
A missão.....	63
Marcado para morrer	72
Traição e prisão	76
A crucificação	85
A ressurreição.....	94
Cegos e surdos	105
Os enfermos.....	111
Os aleijados.....	116
Os obsediados	120
O sábio.....	127
A vida futura.....	127
Amor ao próximo	130
O perdão.....	134
A reencarnação.....	138
O que contamina o homem.....	143

A mulher adúltera	145
As moradas	154
Desapego material	157
A caridade.....	162
A prece	165
O tributo	169
As parábolas	171
O profeta.....	179
A destruição do templo.....	179
A porta estreita.....	181
O princípio das dores	181
A grande tribulação	182
A volta do Cristo.....	183
O grande julgamento	184
Dias difíceis.....	185
O Consolador	188
O mito	194
A tentação de Jesus	194
Transformando água em vinho	196
A ressurreição de Lázaro	197
Multiplicação de pães e peixes	202
Jesus anda sobre o mar	205
Jesus acalma uma tempestade	207
Jesus paga imposto.....	208
Entrada triunfal em Jerusalém.....	208
Expulsão dos vendilhões	210
A figueira seca.....	211
Conclusão	213
Bibliografia	215

Introdução

O homem mais importante do nosso planeta, que há mais de dois mil anos exerce a mais poderosa influência sobre a humanidade, foi um jovem carpinteiro que viveu apenas 33 anos: Jesus, da cidade de Nazaré, na Galileia. As primeiras sementes da sua doutrina de amor, o mais perfeito código moral de que se tem conhecimento, foram plantadas entre pescadores, às margens do Lago Tiberíades. Foi Ele o Cristo, o messias anunciado milênios antes por diversos profetas, cuja doutrina germinou, cresceu e espalhou seus galhos por toda a Terra, tornando-se uma frondosa árvore que hoje abriga à sua sombra milhões de pessoas: o cristianismo.

Embora a sua mensagem, de poder extraordinário por sua força moral, tenha varado mais de dois milênios viva e atual, Jesus não deixou nada escrito. A exemplo de Sócrates, que viveu cerca de 500 anos antes dele e é considerado precursor do cristianismo, todos os seus ensinamentos foram ministrados verbalmente. Foram os seus apóstolos, movidos pela necessidade de levar a Boa Nova aos lugares distantes onde o cristianismo florescia, que registraram as lições do Mestre em escritas – os Evangelhos – os quais acabaram se tornando os documentos oficialmente reconhecidos como a única fonte confiável de informações sobre a sua vida, a sua obra e a sua doutrina. Fora dos quatro evangelhos – de Mateus, Marcos, Lucas e João – qualquer outra informação em torno de Jesus é considerada mera especulação ou ficção. Alguns estudiosos não costumam dar crédito nem mesmo às informações contidas nos chamados Evangelhos apócrifos, aqueles que foram refugados pelo frade

Jerônimo quando organizou o Novo Testamento. Entre eles estão o Evangelho de Tomé, de Pedro e de Matias.

Foi justamente nos quatro evangelhos chamados canônicos, incluídos no Novo Testamento da Bíblia Sagrada, que busquei mais luzes sobre a vida do homem que, mesmo esquecido pelos historiadores do seu tempo – os quais estavam mais interessados nos feitos dos exércitos romanos do que nos ensinamentos de um humilde carpinteiro – mudou os rumos da humanidade, substituindo as leis mosaicas do “dente por dente e olho por olho” pelo “amai-vos uns aos outros”. Não se pode, contudo, levar os evangelhos ao pé da letra ou aceitar como verdadeiro tudo o que neles está escrito. Embora algumas religiões tenham, ao longo dos séculos, desencorajado questionamentos sobre aspectos da Bíblia, alegando ser ela a “palavra de Deus”, seu texto na verdade foi escrito pelos homens e hoje não há dúvidas de que foi muito mexido, sobretudo por aqueles que precisavam fortalecer seu poder temporal na Terra como “representantes de Deus”.

Antes de qualquer estudo mais profundo dos evangelhos, no entanto, é preciso considerar que eles só começaram a ser escritos mais de 50 anos após a morte do Cristo, o que, em princípio, nos leva a crer que muita coisa se perdeu, já que era praticamente impossível, depois de tanto tempo, lembrar de todos os acontecimentos da vida do Mestre, além do fato de que os evangelistas não pretenderam fazer uma biografia dele, apenas o registro de fatos sem preocupação com a sua ordem cronológica. E como não havia gráfica naquela época, os evangelhos eram copiados pelos chamados “copistas”, que se julgavam no direito de alterá-los ao sabor de suas próprias convicções ou quando não compreendiam determinados ensinamentos. Além das contradições dos quatro evangelistas no relato de alguns fatos, como no registro das últimas palavras de Jesus pouco antes de expirar na cruz, inúmeras interpolações foram identificadas, como também erros de tradução que contribuíram para tornar certos acontecimentos improváveis como, por exemplo, a história da “figueira seca”, em que o Mestre teria amaldiçoado a árvore apenas porque ela não tinha frutos na hora em que Ele pretendeu comê-los.

O próprio frade Jerônimo, aliás, encarregado no ano de 384, pelo papa Damaso, de organizar a Bíblia e traduzi-la para o latim, o que resultou na *Vulgata Latina*, confessa que mexeu no texto dos Evangelhos, conforme relata Leon Denis no seu livro *Cristianismo e Espiritismo*. Atordoado com as dificuldades que encontrou diante dos exemplares de mais de cinquenta evangelhos que circulavam à época, e sem poder precisar se eram originais ou cópias, ele selecionou os quatro que se mostravam mais parecidos e se sentiu no dever de corrigir os seus sentidos para torná-los mais coerentes. No prefácio da sua obra, endereçada ao papa, ele confessa a interferência nos textos evangélicos, dizendo:

De velha obra me obrigais a fazer obra nova. Quereis que, de alguma sorte, me coloque como árbitro entre os exemplares das escrituras que estão dispersos por todo o mundo, e, como diferem entre si, que eu distinga os que estão de acordo com o verdadeiro texto grego. É um piedoso trabalho, mas é também um perigoso arrojo, da parte de quem deve ser por todos julgado, julgar ele mesmo os outros, querer mudar a língua de um velho e conduzir à infância o mundo já envelhecido. Qual, de fato, o sábio e mesmo o ignorante que, desde que tiver nas mãos um exemplar (novo), depois de o haver percorrido apenas uma vez, vendo que se acha em desacordo com o que está habituado a ler, não se põe imediatamente a clamar que eu sou um sacrílego, um falsário, porque terei tido a audácia de acrescentar, substituir, corrigir alguma coisa nos antigos livros? Um duplo motivo me consola desta acusação. O primeiro é que vós, que sois o soberano pontífice, me ordenais que o faça; o segundo é que a verdade não poderia existir em coisas que divergem, mesmo quando tivessem elas por si a aprovação dos maus.

Este pequeno prefácio – ele acrescenta – tão somente se aplica aos quatro evangelhos, cuja ordem é a seguinte: Mateus, Marcos, Lucas e João. Depois de haver comparado certo número de exemplares gregos, mas dos antigos, que se não afastam muito da versão itálica, combinamo-los de tal modo que, corrigindo unica-

mente o que nos parecia alterar o sentido, conservamos o resto tal qual estava.

O padre Orígenes, um dos mais respeitados estudiosos do Evangelho, disse por sua vez, segundo Léon Denis, que “há coisas que são referidas como histórias que nunca se passaram e que eram impossíveis como fatos materiais, e outras que eram possíveis mas não se passaram”. E acrescenta: “As Escrituras são de pouca utilidade para os que a tomem como foram escritas. A origem de muitos desacertos reside no fato de se apegarem à sua parte carnal e exterior. Procuremos, pois, o espírito e os frutos substanciais da Palavra, que são ocultos e misteriosos”.

Com efeito, não devemos aceitar todos os fatos como foram narrados, até porque foram escritos segundo a linguagem da época, complicada e alegórica, o que tornou muitos dos relatos ininteligíveis, dificultando a sua leitura e provocando equívocos de interpretação. É preciso, portanto, submetê-los à razão, questioná-los se necessário, e procurar assimilar o sentido moral dos ensinamentos do Cristo, pois apesar das alterações sofridas ao longo do tempo, sua essência se manteve inalterada. E a sua luz se projeta de entre as palavras como se estivesse oculta nas entrelinhas para ser preservada durante os milênios.

Foi garimpendo nos textos dos quatro evangelhos, separando do cascalho da letra o ouro dos ensinamentos, que descobri em Jesus-homem o missionário, o médico, o sábio, o profeta e o mito. Sim, porque na verdade Jesus foi um homem como qualquer outro, sujeito às mesmas necessidades, vicissitudes e tentações. A sua diferença estava no seu espírito, de elevado grau – na verdade, o espírito mais elevado que já esteve em nosso planeta. O corpo de carpinteiro foi a vestimenta de carne que Ele escolheu para ingressar na materialidade da Terra, a fim de cumprir a missão que lhe foi confiada por Deus. E foi justamente a necessidade do seu ingresso na carne que exigiu dele o maior sacrifício: abaixar o seu padrão vibratório até o nível compatível com o padrão do corpo grosseiro dos homens, processo que, segundo revelação espiritual, demorou mais de quatro mil anos. Ainda assim a sua vibração

era tão elevada que, volta e meia, suava sangue para aliviar a pressão, conforme relatado por Lucas: “E aconteceu que o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra”. (LUCAS, 22: 44). O fenômeno registrado por Lucas é denominado pela ciência como hematidrose, um suor sanguíneo por hemorragia das glândulas sudoríparas.

Precisamente por causa da sua vibração elevada é que Jesus estava condenado a morrer jovem, mesmo que não fosse crucificado. No livro *O Sublime Peregrino* o espírito Ramatís explica que:

... no seu hercúleo esforço para situar-se a contento na carne, Jesus assemelhava-se a um raio de sol tentando acomodar-se numa vasilha de barro. A sua mente vivia hipertensa, cujo impacto se descarregava sobre osplexos nervosos, oprimiam-lhe o cérebro, os nervos, o sangue e os vasos capilares, resultando, então, perigosos hiatos na rede circulatória. O turbilhão de pensamentos criadores vibrava e descia da superconsciência; ele então recorria aos jejuns periódicos, a fim de o seu espírito conseguir maior liberdade nessas fases pré-agônicas de desafoço da matéria. Outras vezes o próprio organismo mobilizava recursos biológicos de emergência e vertia suor e sangue, compensando, com essa descarga imediata de humores, a perigosa tensão psicofísica, fruto do fabuloso potencial de energia espiritual a lhe prensar a carne frágil.

O maior sacrifício de Jesus, um espírito angélico, portanto, não foi morrer na cruz – já que no seu tempo todos os condenados eram crucificados – mas abaixar o seu padrão vibratório para nascer num corpo grosseiro de carne em nosso planeta, pois era preciso viver como homem, sem privilégios e sem exorbitar dos costumes e das necessidades humanas, para cumprir a sua missão. Ele foi concebido, assim, como qualquer ser humano, ou seja, pelo mesmo processo reprodutivo da espécie estabelecido por Deus: o ato sexual. Embora os dois únicos evangelistas que registraram a concepção e nascimento de Jesus – Mateus e Lucas – tenham atribuído a gravidez de Maria a uma misteriosa união com o Espírito San-

to, aceitar essa versão é o mesmo que acreditar em cegonha. Raros estudiosos ousaram abordar essa questão, considerada delicada, porque desde aquela época o sexo é visto como algo impuro, pecaminoso, incompatível, portanto, com a santidade de Maria que, como mãe de Jesus, não poderia, na opinião de fanáticos, conceber o filho pelo mesmo processo natural em que todas as mulheres engravidam. Certamente por isso, evitou-se falar nos seis irmãos de Jesus, pois isso implicaria em admitir o relacionamento normal de marido e mulher entre José e Maria.

A verdade é que, segundo as leis conhecidas de Deus, nenhum espírito, elevado ou inferior, poderia, até pouco tempo, ingressar na matéria densa da carne a não ser através do ato sexual, que é o processo reprodutivo natural de todas as espécies. E que não tem nada de aviltante, pois foi criado por Deus justamente para permitir a perpetuação das espécies. Com o avanço da medicina, porém, já há algum tempo a conjunção carnal tornou-se dispensável pela inseminação artificial que, no entanto, não prescinde do espermatozoide e do óvulo feminino. No tempo de Jesus essa técnica ainda não existia, mas o espírito Miramez, no livro *Maria de Nazaré*, garante que Ele é fruto de uma “inseminação espiritual”, tendo sido utilizado um espermatozoide trazido de uma estrela distante. A informação de Miramez nos leva a pensar que Jesus teria sido concebido de maneira diferente dos outros homens, o que não parece lógico, pois isso poderia comprometer a sua missão. Até porque, além de não existir justificativa plausível para isso, Ele próprio afirmou: “Eu não vim destruir as leis, mas cumpri-las”. Deve-se atentar, também, para o fato de que Ele mesmo fez questão de denominar-se “o Filho do Homem”, expressão que usou 76 vezes em suas pregações e ensinamentos registrados nos evangelhos.

Ao contrário do que muitos pregam, Ele não veio salvar os homens pagando os seus pecados na cruz, o que seria uma inominável injustiça. Sua missão consistiu em revelar aos homens a existência de outro mundo, o mundo espiritual, de onde viemos e para onde voltaremos após a morte do corpo físico. Ele veio ensinar, através do seu Evangelho e dos seus exem-

plos, como o homem deve se comportar aqui na Terra para buscar a perfeição. Suas lições, de elevado fundo moral, ensinam que é preciso vencer os vícios e paixões, eliminar os defeitos e praticar o bem, perdoar, ser humilde, indulgente, caridoso e, sobretudo, amar o próximo, cultivando as virtudes para evoluir espiritualmente, conquistar o Reino de Deus, que está dentro de nós, e galgar os planos mais elevados da espiritualidade.

Ele não foi um ser sobrenatural, como muitos tentam fazer crer. Mesmo na realização dos chamados “milagres” não usou nenhum poder divino, apenas a força da sua mente, manipulando elementos fluídicos do mundo espiritual, de acordo com as leis conhecidas e outras ainda desconhecidas dos homens, além de contar com a ajuda da equipe espiritual que o assessorava. Até mesmo naquele que é considerado o seu mais importante milagre – a ressurreição de Lázaro – simplesmente despertou o amigo que estava mergulhado em sono cataléptico, pois a ciência comprova que nenhum ser vivo pode reviver após a morte das células. “Nosso amigo Lázaro adormeceu, mas vou despertá-lo”, Ele disse, acrescentando: “Esta enfermidade não é para morte e sim para glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado”. Ou seja, para que acreditassem em sua mensagem. Poder-se-ia argumentar que Deus tem poderes para isso, mas o Criador derrogaria as suas próprias leis, que são imutáveis e eternas?

Para Léon Denis, o Cristo

... não é mais do que o *profeta* de Deus, isto é, um intérprete, um porta-voz de Deus, um espírito dotado de faculdades especiais, de poderes excepcionais, mas não superiores à natureza humana. Sua clarividência, suas inspirações, o dom de curar que possuía em tão elevado grau, encontram-se em épocas diversas e em diferentes graus, em outros homens. Pode comprovar-se a existência dessas faculdades nos médiuns de nossos dias, não agrupadas, reunidas de modo a constituírem uma poderosa personalidade, como a do Cristo, mas dispersas, distribuídas por grande número de indivíduos. As curas de Jesus não são milagres, mas a aplicação de um poder fluídico e magnético, que no-

vamente se encontra mais ou menos desenvolvido em certos curadores da nossa época.

Denis foi mais explícito ainda quando garantiu que:

O que se denomina milagres são fenômenos produzidos pela ação de forças desconhecidas, que a ciência descobre cedo ou tarde. Não pode existir milagre no sentido de postergação das leis naturais. Com a violação dessas leis a desordem e a confusão penetrariam no mundo. Deus não pode ter estabelecido leis para, em seguida, as violar. Ele nos daria, assim, o mais pernicioso exemplo: porque se violamos a lei poderemos ser punidos, ao passo que Deus, fonte da lei, terá atentado contra ela?

A propósito, Allan Kardec, no livro *A Gênese*, diz que:

O maior dos milagres de Jesus, aquele que atesta verdadeiramente sua superioridade, é a revolução que seus ensinamentos operou no mundo, apesar da exiguidade de seus meios de ação. Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na mais humilde condição, num pequeno povo quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, apenas prega durante três anos; durante este curto espaço de tempo é desatendido e perseguido por seus concidadãos, caluniado, tratado como impostor; é obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um de seus apóstolos, negado por outro, abandonado por todos no momento em que cai às mãos de seus inimigos. Apenas fazia o bem, e isso não o coloca ao abrigo da malquerença, a qual voltava contra ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado para os criminosos, morre ignorado do mundo, pois a História do seu tempo se cala a seu respeito. Nada escreveu e, entretanto, auxiliado por alguns homens obscuros como Ele, sua palavra bastou para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo todo-poderoso, e tornou-se a bandeira da civilização. Tinha contra si tudo o que pode fazer malograr os homens, e é por isso que dizemos que o triunfo de sua doutrina é o maior de seus milagres,

ao mesmo tempo em que prova sua missão divina. Se, em lugar de oferecer princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, Ele não tivesse a oferecer à posteridade senão alguns fatos maravilhosos, hoje mal seria conhecido pelo nome.

Também considerado o “médico das almas”, porque mais do que curar enfermidades do corpo físico Ele cura enfermidades da alma, Jesus-homem mudou os rumos da Humanidade pregando uma nova doutrina que, tendo o amor como principal fundamento, alterou as duras leis promulgadas por Moisés – leis apropriadas para o tempo daquele grande legislador, quando o povo hebreu ainda se comportava de maneira semi-selvagem – e buscou conscientizar os homens de que somos todos irmãos. Seus ensinamentos revelam o sábio que Ele era, utilizando os recursos existentes na sua época para ministrar lições destinadas a tornar os homens melhores, lições que permanecem tão atuais como há dois mil anos. Em todas as oportunidades Ele aproveitava a situação do momento, por mais inusitada que fosse, para dali extrair ensinamentos de elevado fundo moral. Exemplo disso foi o caso da mulher adúltera. Também se utilizou das parábolas para, contando historinhas com as quais os homens se identificavam, ensinar, entre outras coisas, que é preciso amar o próximo para ingressar no reino dos céus.

Jesus também fez predições que, ao longo dos séculos, foram sendo cumpridas. A destruição de Jerusalém, guerras, terremotos, a perseguição dos cristãos, o surgimento de novas religiões e falsos Cristos, entre outros, foram acontecendo até nossos dias, inclusive as transformações observadas hoje em nosso planeta com vistas à sua elevação, neste milênio, a mundo de regeneração. Entre as suas profecias está a que anuncia o espiritismo, o Consolador prometido, que surgiu dezoito séculos após a sua morte. Ele disse que o Consolador viria recordar seus ensinamentos e fazer novas revelações, o que ocorreu com Allan Kardec que, realizando um extraordinário trabalho na coordenação de mensagens transmitidas por espíritos, através de médiuns dos mais diferentes níveis em diversas partes do mundo, codificou a Doutrina Espírita,

que trouxe a chave para a compreensão de muitas das suas lições que, até então, haviam sido interpretadas equivocadamente ou lançadas à conta de mistérios.

E, a exemplo do que aconteceu com todos os grandes missionários que o antecederam em vários pontos do planeta, Jesus também foi transformado em mito, graças a alguns dos “milagres” e outros fatos fantásticos registrados pelos evangelistas como, por exemplo, a multiplicação de pães e peixes e a caminhada sobre as águas. Robustecendo essa ideia, até hoje se discute a teoria do corpo fluídico de Jesus, o que, além de perda de tempo, revela flagrante contradição com a versão de que ascendeu aos céus em “carne e osso”, outro equívoco que demonstra total desconhecimento do padrão vibratório das diferentes matérias. Um corpo de carne e osso, de vibração baixa, não tem como ter uma vida de relação num mundo onde os corpos, de matéria mais sutil, tem vibração mais elevada – o mundo espiritual. Daí porque os espíritos precisam encarnar, ou seja, ter um revestimento de carne e osso, para viver em nosso mundo. Além disso, se Ele tivesse tido um corpo fluídico certamente não teria sentido as dores das torturas a que foi submetido e, portanto, todo o seu sofrimento teria sido uma farsa, o que é inconcebível.

Sobre essa questão, disse Kardec:

Se durante sua vida Jesus tivesse estado nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor, nem nenhuma das necessidades do corpo; supor que Ele assim era, será retirar-lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele era só aparência, todos os atos de sua vida, o anúncio reiterado de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua oração a Deus para que afastasse o cálice dos seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo, até seu último grito no momento de entregar o Espírito, não teria sido senão um vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório da sua vida, uma comédia indigna de um homem honesto e simples, quanto mais, e por mais forte razão, de um ser tam-

bém superior; numa palavra, teria abusado da boa fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as consequências lógicas desse sistema, consequências que não são admissíveis, pois resultaria em diminuí-lo moralmente, em lugar de o elevar. Jesus teve, pois, como todos, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é confirmado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que assinalaram sua vida.

Ao tomar a decisão de escrever este livro, mesmo consciente da delicadeza do tema e diante das milhares de obras já produzidas sobre a vida de Jesus, moveu-me unicamente o desejo de lançar luz sobre alguns fatos hoje perfeitamente explicáveis, graças ao progresso da Humanidade, e demonstrar que Ele foi um homem como qualquer um de nós, com a diferença de possuir, por ser o espírito mais elevado que já viveu em nosso planeta, total controle das suas emoções, não ter pecados e não se deixar seduzir pelas tentações do mundo. Ele viveu como homem justamente para nos mostrar que é possível resistir às tentações, vencer os vícios e paixões, eliminar os sentimentos negativos e desenvolver as virtudes, amando e perdoando em qualquer circunstância, mesmo em meio às mais terríveis adversidades. Cumprindo o seu Evangelho e seguindo o seu exemplo ingressaremos na vida futura em condições melhores do que as que hoje nos encontramos. Por isso, Ele deve ser sempre o nosso modelo.

Ribamar Fonseca.

Capítulo I

O missionário

A vida

- A concepção • O nascimento • A infância • O batismo • Os apóstolos • As instruções • As pregações • Os irmãos • A missão • Marcado para morrer • Traição e prisão • A crucificação • A ressurreição

Apenas dois evangelistas – Mateus e Lucas – registraram a concepção e o nascimento de Jesus, mas cada um apresenta uma versão, nem sempre coincidente, sobre o evento que mudou os rumos da humanidade. As pequenas divergências observadas no relato de ambos, no entanto, não chegam a comprometer a credibilidade do registro, já que os dois estão de acordo quanto aos fatos principais, como o processo em que o Cristo foi gerado e o local do nascimento – Belém da Judeia. Mateus, o único dos dois que conviveu com Ele, foi mais sucinto em sua versão, enquanto Lucas, que não conheceu Jesus pessoalmente, fez um relato mais rico, com detalhes que remontam à gravidez da mãe de João Batista, Isabel, prima de Maria.

Lucas, que foi discípulo de Paulo, era médico e, portanto, o mais instruído dos quatro evangelistas, investigou a vida de Jesus com maior acuidade, colhendo depoimentos dos que conviveram com o Mestre, conforme ele próprio afirma no prefácio do seu Evangelho, o que, em princípio, nos faz pensar que pelo menos no que se relaciona ao nascimento e a infância do Cristo ele tenha obtido informações mais concretas, até porque conviveu com Maria, em Éfeso, durante os últimos anos da vida dela. Interessante notar que o documento, incluído no Novo Testamento como Evangelho, na verdade é uma carta endereçada a um tal de Teófilo, que ele chama de “excelentíssimo” e que ninguém sabe quem foi. A missiva está caracterizada pelo texto de abertura:

Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde a sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que fostes instruído. (Lucas 1: 1-4).

A concepção

Lucas inicia o seu relato falando da gravidez de Isabel, mulher do sacerdote Zacarias e prima de Maria. Depois de informar que Isabel, após conceber João Batista, se ocultou durante os primeiros cinco meses da sua gravidez, o médico evangelista narra as circunstâncias em que Jesus foi gerado:

No sexto mês (da gravidez de Isabel), foi o anjo Gabriel enviado, da parte de Deus, para uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com certo homem da casa de Davi, cujo nome era José. A virgem chamava-se Maria. E entrando o anjo aonde ela estava, disse:

– Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo.

Ela, porém, ao ouvir esta palavra, perturbou-se muito e pôs-se a pensar no que significaria aquela saudação. Mas o anjo lhe disse:

– Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás a luz a um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. Este será grande e chamado Filho do Altíssimo. Deus, o Senhor, lhe dará o trono de Davi, seu pai. Ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó e o seu reinado não terá fim.

Então, disse Maria ao anjo:

– Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?

Respondeu-lhe o anjo:

– Descerá sobre ti Espírito Santo e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso também o ente

santo que há de nascer será chamado Filho de Deus. E Isabel, tua parenta, igualmente concebeu um filho na sua velhice, sendo este já o sexto mês para aquela que dizem ser estéril. Porque para Deus não haverá impossíveis em todas as suas promessas.

Então, disse Maria:

– Aqui está a serva do Senhor. Que se cumpra em mim conforme a tua palavra.

E o anjo se ausentou dela. (Lucas 1: 26-38).

Mateus, por sua vez, fez um relato mais simples, sem citar a aparição do anjo Gabriel para Maria:

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo:

– José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará a luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles.

Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará a luz um filho e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer Deus conosco).

Despertado José do sono fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu a sua mulher. Contudo, não a conheceu enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus. (Mateus 1: 18-25)



É evidente a enorme confusão que os evangelistas Mateus e Lucas fizeram, preocupados em preservar a virgindade de Maria, para relatar a sua gravidez. Logo no início do seu Evangelho, Mateus (1: 1-17) fala da “Genealogia de Jesus Cristo”. E começa a confusão ao afirmar que “Jesus é filho de